

PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Monday 19 May 2003 (morning)
Lundi 19 mai 2003 (matin)
Lunes 19 de mayo de 2003 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d’y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A ou a Secção B

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 1 (a)

Quer dar-me atenção?

Dantes é que era bom. As estações de televisão tinham o público todo para elas. Ou funcionavam em regime de monopólio, como a generalidade da Europa (só em Inglaterra é que havia canais privados) ou partilhavam com uma colega, no máximo duas, a quase totalidade dos espectadores, como nos Estados Unidos da América. (...) Ora como os
5 canais eram poucos, as alternativas não apeteçiam. Mais valia continuar sentado¹. Mas, em meia dúzia de anos tudo se alterou. (...) Agora, em muitos países, o espectador pode optar entre uma infinidade de programas e usos da TV. (...)

Veja-se as voltas que dão para nos satisfazer sem gastarem demasiado dinheiro. Primeiro, foi o regresso aos géneros antigos dos jogos e dos concursos; depois, a insistência nos
10 talk-shows²; por fim, a invenção dos reality programs³ que convidam o espectador a “participar” em emocionantes caçadas policiais ou em salvamentos de incêndios. Todos estes programas comungam de algo a que se chamou “interactividade transitiva”, i.e.⁴, neles “não há interactividade senão na estrita medida em que o espectador desenvolve uma actividade sensorial, intelectual ou afectiva que contribui para determinar a interpretação
15 da mensagem, permanecendo esta idêntica a si mesma qualquer que seja o resultado”. Por outras palavras: ao telespectador cabe sentar-se, assistir à emissão e talvez responder às sondagens de audiência, as quais aliás, parecem não ser inteiramente fiáveis. Não precisa raciocinar nem reflectir.

Luís Coelho, in *Revista Expresso* (09.05.1992), Portugal

¹ ficar sentado – não havia telecomando e era necessário levantar-se para mudar o canal. Como não haviam muitos canais mais valia ficar sentado e ver o mesmo canal

² talk-shows – debate televisivo

³ reality programs – programas sobre assuntos reais normalmente violentos

⁴ i.e. – isto é

Texto 1 (b)

Jornalista – Anuncia-se para Setembro uma guerra entre as televisões. Até onde é que a TVI quer ir?

José Eduardo Moniz - Acho que a TVI pode crescer, não sei dizer até onde. Queremos é ser reconhecidos como parceiros activos no mercado e identificados pelo espectador como uma estação de referência no mercado, no mínimo igual às outras.

J – E falando de custos, quanto é que custaram os direitos do Big Brother, por exemplo?

JEM – Isso não lhe posso dizer, mas não é barato. Prefiro falar disso noutros termos. A TVI que eu quero ter no futuro, é uma televisão, tenho de admitir, com algumas diferenças em relação à que vai haver em Setembro. Este é o primeiro passo para chegarmos à outra TVI que necessariamente vamos ter em 2001. O Big Brother é um passo fundamental para o crescimento...

J – Não tem medo de uma reacção negativa a este programa?

JEM – Não, por isso é que nós estamos a trabalhar naquilo que há-de ser a TVI do futuro.

15 J – Então pode dizer-nos que Big Brother é que podemos esperar? É mais “hardcore”¹, ou vai ser uma coisa mais decorosa?

JEM – Estamos a falar de um programa em que, previamente, não há um guião.

J – Mas, como qualquer programa, precisam de editá-lo.

JEM – Obviamente, e nós temos bom senso e temos bom gosto.

20 J – Então não vai ter audiências.

JEM – Não, vou ter audiências porque o programa vale por si. Vamos lá ser realistas nisto. Não vamos dizer aos participantes que estão a viver na casa para fazerem isto ou aquilo! São livres de fazerem o que quiserem.

25 J – Mesmo assim, está dependente do acaso. Confia mesmo que os participantes se apaixonem e andem à tarefa uns com os outros?

JEM – Confiamos que aquela experiência que ocorre naquela casa, tenha, enfim, os condimentos todos, em doses equilibradas, para que funcione. Como funcionou em todos os outros países.

in o jornal *O Independente* (25 de agosto de 2000), Portugal

¹ hardcore – com cenas chocantes

SECÇÃO B

Analise e compare os dois seguintes textos.

Aponte as diferenças e as semelhanças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 2 (a)

Romance narra a trágica e (real) história de amor entre integrantes de facções criminosas no Rio

- O jornalista carioca Júlio Ludemir conhece o coração do crime do Rio de Janeiro. Em 2001, enquanto fazia uma reportagem sobre o sistema penitenciário, topou com uma história de amor entre bandidos que não perde em dramaticidade para a tragédia dos Montecchio e dos Capuletto, as famílias rivais de Romeu e Julieta. Na versão marginal do clássico de Shakespeare, os amantes são Valéria Ribeiro e o traficante Marcos Antônio Guedes da Silva, o Marquinho Neguinho. Ela, sobrinha de um chefe da facção criminosa Terceiro Comando; ele, integrante da alta hierarquia do bando rival Comando Vermelho. Os dois grupos inimigos dividem os postos de venda de droga na cidade. Como a trama do bardo, esta também termina em morte. A diferença é que se trata de uma história real, contada no livro *No coração do Comando* da autoria de Júlio Ludemir.
- 5 Valéria e Marquinho conheceram-se no começo de 1998, enquanto cumpriam pena no Complexo Penitenciário Frei Caneca, no Rio. Ele era interno na cadeia masculina Milton Dias Moreira, e ela estava no presídio feminino Nelson Hungria, vizinho. Em banho de sol, trocaram, separados por grades, as primeiras palavras. E se apaixonaram. Em 2000,
- 15 Valéria foi solta em regime condicional e passou a visitar o companheiro. Por causa do relacionamento, ambos deixaram sua facção no crime. Valéria foi assassinada na porta do presídio, numa visita a Marquinho, em julho de 2001. O Comando Vermelho teria sido o mandante.
- 20 Revoltado com o crime cruel, Ludemir, o autor do livro, faz uma ressalva: “É história de amor com final triste, que pode até comover. Mas os personagens são dois criminosos, e eu nunca deixo de tratá-los como tal”.

Beatriz Veloso, in revista *Veja* (3 de julho de 2002), Brasil

Texto 2 (b)

Sufrágio

Inesquecível certo dia de Outubro.

Quem acompanho ao cemitério é mesmo a minha esposa Maria?

Olho a cavada mansão de terra.

Inconsciente adopto a imobilidade do momento.

- 5 Como é baça a cacimba que em meus olhos
Consome mil reticências da vida.

São primeiras horas da manhã. Leio.

Apago a luz mas como de costume
em vão meu sono

- 10 tenta iludir a insónia.
Volto a ler. Torno a desligar a luz.
Irredutíveis eu e livro
estamos em desacordo.

Ao absorto homem mais sozinho

- 15 deglutem-no ácidas seis horas da manhã.
Ao espelho vejo um desconhecido barbeado e triste.

José Craveirinha, *Maria* (1998), Moçambique